NO JARDIM DA COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA PAREDE

FOTOGRAFIA: C. COSTA

N.º 30

OUTUBRO 1941

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado da M. P. F., Praça do Marquês de Pombal, n.º 8 — Telef. 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL

ASSINATURA AO ANO 12$00

PREÇO AVULSO 1$00

SUMÁRIO

Sim

FOTOGRAFIA:
FERNANDO M. POZAL

CÁ está uma das tais pequeninas palavras — três letras! — com que o génio do nosso Vieira brincaria certamente.

Com três letras, êste **SIM** *é tôda a nossa vida.*

A vida deve ser um **SIM** *heroico e alegre e cantante, rezado devagarinho, de meia noite a meia noite, de meio dia a meio dia: tôdas as manhãs, quando o sol nasce, e às tardes quando morre para lá de todos os longes.*

E' a grande resposta de todo o grande coração.

Vale mais dizer **SIM** *a dizer «não», ainda quando o «não» se parecer com um «sim».*

Habituar a alma: a consciência e o coração a salmodiar a cada instante a sublime obediência de todos os **SIM** *que ennobrecem, sobretudo nas pequeninas ocasiões, quando o dever é tudo, mas talvez ninguém dê por êle.*

Habituar os olhos e os outros sentidos a serem **SIM** *de tal sorte que só de olharem para nós, ou de nos ouvirem ou de nos cumprimentarem, saibam logo os outros quem somos: verdadeiros.*

Rijos de Verdade: austeros mesmo, num tempo em que se mente tanto, é já sermos autênticas estátuas vivas do **SIM.**

Porque há só mentiras por êsse mundo fóra, haviam de nos dar por todas as praças e esquinas memórias de **SIM** *vivas e verdadeiras.*

* * *

Uma rapariga cristã e portuguesa tem obrigação de ser sempre e por tôda a parte um **SIM.**

SIM *— virtude, tôdas as virtudes.*

SIM *— e a gente a ver logo que a consciência está de pé lá dentro dela.*

SIM *— e todos os passos a encaminharem-se para a seriedade e a honra.*

SIM *— e a bailar-lhe no olhar e na paz da alma a presença da Graça do Senhor.*

SIM *— e Portugal amado e servido a cada momento.*

* * *

Fim de férias... Ano novo de trabalho...

Deixa agora tudo lá para trás. Vem dizer, meses e meses seguidos, aos livros e aos mestres, aos pais e às colegas e amigas, ao Céu e a todo o caminho por onde passares que serás, a preço de tudo: obediência, dever, trabalho, seriedade, pureza e serviço...

* * *

O' ladainha da Mocidade!... No côro: Deus-Senhor a presidir — e logo a seguir, Portugal... As naves cheias, cheias: almas e corações da mocidade desta terra abençoada...

...e uma reza só, e um cântico só...

Deus e Portugal a entoarem — e como uma só voz: a Mocidade a responder: **SIM.**

G. A.

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M.P.F. EM SINTRA

JÁ passaram e eu revivo-os ainda, êsses 27 dias de paz, de tranqüilidade e de gôso. Por vezes tenho a impressão de que a Colónia não acabou, de que estou a sonhar e vou despertar no amplo dormitório de janelas rasgadas sôbre o Parque, na simples e acolhedora cama côr de rosa... Quem dera que assim fôsse!... Mas não, os dias passaram já, ficando dêles um perfume intenso, uma recordação gratíssima, uma saüdade enorme que jàmais se apagará... Tudo lá me encantou pela beleza simples, pela expontaneidade.

Pouco conhecia de Sintra. Hoje, graças aos passeios diários que fazíamos, conheço-a. Fecho os olhos e pretendo evocá-la. Aparece-me como um pequeno jardinzinho muito verde, onde a água jorra abundantemente e passa sempre a correr, para ir acariciar flores de uma beleza estranha. Sintra possui a graciosidade e a leveza dum conto de fadas.

A nossa casa ficava fóra da Vila, ao comêço da Serra. A sua situação privilegiada, dominando a região, permitia-nos gosar de uma vista explendida. Panorama infindável que se desdobrava a perder de vista! Imensa mancha verde, de diferentes tonalidades, que lá muito ao longe parecia fundir-se no azul do Céu... E perdíamo-nos na contemplação dêste espectáculo sempre igual e sempre novo, porque era sempre diversa a emoção que despertava. Como nos sentíamos fóra do mundo, longe das ideas de luta que o avassalam, livres das ameaças que sôbre êle imperam!

Quando, em contacto com a Natureza, se sente a suavidade que dela dimana, se vive a tranqüilidade que ela oferece, o cérebro não compreende a luta, não admite a guerra...

Por isso eu evoco hoje êsses dias de paz...

Tantas vontades irmanadas numa só vontade, tantos corações formando um só coração, tantas almas vibrando como uma alma! Vida alegre, mas serena, plena de movimento, mas coerente.

O passeio da manhã, após o pequeno almoço, era o que mais entusiasmo despertava. Era sempre com ansiedade que se repetia a mesma pregunta: onde vamos hoje? E a resposta não se fazia esperar.

A Pêna, com a sua histórica tradição, o Castelo dos Mouros, Monserrate — pequenino paraíso esquecido sôbre a Terra — Penha Verde, foram locais que percorremos com deleite e aos quais ficámos devendo horas de intraduzível encanto. Por vezes o caminho era longo, outras vezes o acesso era difícil, era necessário escalar; mas nunca tais dificuldades nos inspiraram receio, talvez porque tudo é belo e fácil, quando nos lábios há um sorriso ou uma cantiga!... Estes passeios forneciam-nos sempre uma nova dose de alegria e de entusiasmo. Quando regressávamos para o almôço, vínhamos ágeis, bem dispostas. Depois, era o repouso, a inflexível hora de repouso em que era necessário estar estendida, muito quietinha, sem falar, sem ler... Hora aborrecida para muitas, mas que se cumpria por necessidade e, sobretudo, porque se devia cumprir.

Terminada esta, de novo se voltava a saltar, a rir, a cantar... Desportos, jogos, ginástica e o tempo passava sem darmos por isso...

Hora do Têrço — piedade, recolhimento. Mãos que se esguiam em atitude de prece, corações que num ímpeto expontâneo subiam até ao Senhor, para lhe agradecerem tudo, para lhe suplicarem a Paz, para num acto de renúncia se abandonarem n'Êle.

Quanta doçura havia nesses momentos de oração comum, na pequenina Capela da casa... Eram dezenas de almas que se irmanavam na mesma súplica, no mesmo agradecimento. Uma luz muito suave — última despedida do Sol em declíneo — iluminava a Capela. Hora mística de unção, de arrebatamento. Qualquer coisa parecia desprender-se de nós e subir, numa ânsia incontida, ao encontro do seu Ideal!

A's oito horas jantava-se. Depois, até às dez, de novo se brincava, ria e dançava. Quem sabia tocar, sentava-se ao piano e dava o seu esfôrço, a sua boa vontade, para que as outras pudessem dançar...

As dez horas chegavam velozmente; com muita pena de tôdas, a dança acabava e com ela, tôdas as brincadeiras dêsse dia. Porque se estava em silêncio, tôdas em silêncio se dirigiam para a Capela, para as orações da noite. Voltava a rezar-se em comum.

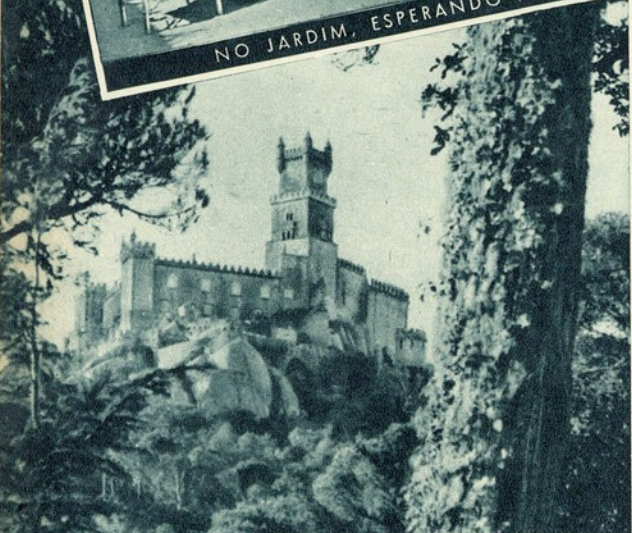
Depois, cada uma em segrêdo, a sós com Nosso Senhor, pedia tôdas as graças para a Senhora Comissária Nacional, que tornou realidade a Colónia da «Mocidade» e para as três Dirigentes que a nosso lado viveram durante êsse tempo, ideais na sua dupla missão de Dirigentes e companheiras.

Assim decorria a nossa vida na Colónia. Vida sã, tanto física como moralmente. Corpo que se revigorava nos exercícios ao ar livre, na ginástica sàbiamente conduzida, nos passeios, nos jogos; alma que se aperfeiçoava, desenvolvendo dia a dia as suas faculdades de lealdade, camaradagem, optimismo.

Finalidade superior, a de pretender uma alma sã, num corpo são. Só assim o corpo e a alma poderão formar um conjunto perfeito e poderão cumprir integralmente a sublime missão de bem servir a Deus e à Pátria.

Hortense César
Centro n.º 65

NO JARDIM, ESPERANDO A MERENDA

JOGANDO O BASKET

AS PRIMEIRAS QUE PARTEM...

GRUPO DE UNIVERSITÁRIAS E GRADUADAS

REABERTURA DOS CENTROS DA M.P.F.

Vão reabrir os Centros da M. P. F. e recomeçar as suas actividades.

De novo as aulas de *moral* e as folhas de *formação nacionalista* irão lembrar-vos os vossos deveres de cristãs e portuguesas.

Nas aulas de *canto coral* ireis continuar a cultivar o vosso gôsto pela música, cantando ao Senhor e aprendendo os lindos cantares regionais da nossa terra.

As aulas de *ginástica* proporcionar-vos-ão o necessário exercício para o vosso bem estar físico, compensando os prejuizos da vossa vida de trabalho mais intelectual.

Nas aulas de *economia doméstica* ireis aumentar os vossos conhecimentos familiares, aprender a ser raparigas úteis e a preparar-vos para o futuro.

Nas aulas de *puericultura* adquirireis a "ciência das mãis", que um dia fará de vós mãis felizes e conscientes dos seus deveres.

Nas aulas de *higiene e 1.os socorros* aprendereis a cuidar da vossa própria saúde, a velar pela saúde dos vossos e a contribuir para o bem social; a tornarvos capazes de em certos momentos de aflição serdes a Providência dos que sofrem e precisam de ser socorridos.

Nas aulas de *trabalhos manuais* habituar-vos-eis a servir-vos da agulha e da tesoura, instrumentos de trabalho de tôda a mulher que não quere perder o seu tempo na ociosidade, "irmãosinhos" que vos ajudarão a vida inteira.

Não é verdade que é belo o vosso programa e que vos sentis contentes por Outubro vos trazer de novo para a vossa querida "Mocidade"? Vamos então recomeçar as nossas reuniões; mas recomeçá-las com um entusiasmo e um amor novos, que nos tornem pontuais, activas e interessadas por tudo.

Recomeçar com energias novas: maior vontade de bem servir e um ideal mais alto!

Recomeçar com mais confiança em Deus e uma cooperação mais activa da nossa parte, um melhor aproveitamento dos seus dons e, dos meios que temos ao nosso alcance.

Recomeçar com alegria, decididas a renunciar ao que é mau ou menos bom, para enriquecermos a nossa vida com tudo o que de grande e belo cabe nela.

Recomeçar com o coração nas mãos e os olhos no céu!

Maria Joana Mendes Leal

Pela paz do mundo

Ouve-se o troar dos canhões por êsse mundo além...

A morte cobre com as suas asas negras a Terra! Graças a Deus, Portugal conserva o bem incomparàvel da paz; mas, se temos coração, não podemos desinteressar-nos dos que sofrem o flagelo da guerra.

Ouve-se o troar dos canhões por êsse mundo além...

Em cada dia se amontoam mais ruínas e a cada momento cresce o número dos desgraçados...

Graças a Deus, os nossos lares têm sido até agora poupados e ainda se não veste luto em Portugal; mas a dor alheia também nos deve fazer chorar...

Ouve-se o troar dos canhões por êsse mundo além...

Cada vez é mais escura a noite que desce sôbre a terra!

Graças a Deus, no céu de Portugal continua a brilhar a «Estrêla do mar» — Maria, a nossa celeste Padroeira, é a luz da nossa esperança! Mas porque as trevas, nos outros povos, são tão cerradas, peçamos à Virgem Santíssima que seja para êles, muito em breve, a Estrêla d'Alva!

Ouve-se o troar dos canhões por êsse mundo além...

Mais alto do que o estrondo das suas vozes de ódio, deve elevar-se a voz de amor da nossa oração pela paz entre os povos!

Rezemos, implorando a misericórdia de Deus, «para que abrevie a hora da expiação e faça reinar a justiça e a caridade entre os homens».

Sua Santidade Pio XII exorta todo o mundo cristão a, durante êste mês de Outubro, mais intensa e fervorosamente orar pela paz.

É esta também a recomendação que nos faz o Senhor Cardial Patriarca.

O mês de Outubro é o mês do Rosário. Recitemos todos os dias o terço, oferecendo pela paz do mundo. Se não pudermos ir à igreja, rezemos o terço em casa, em família.

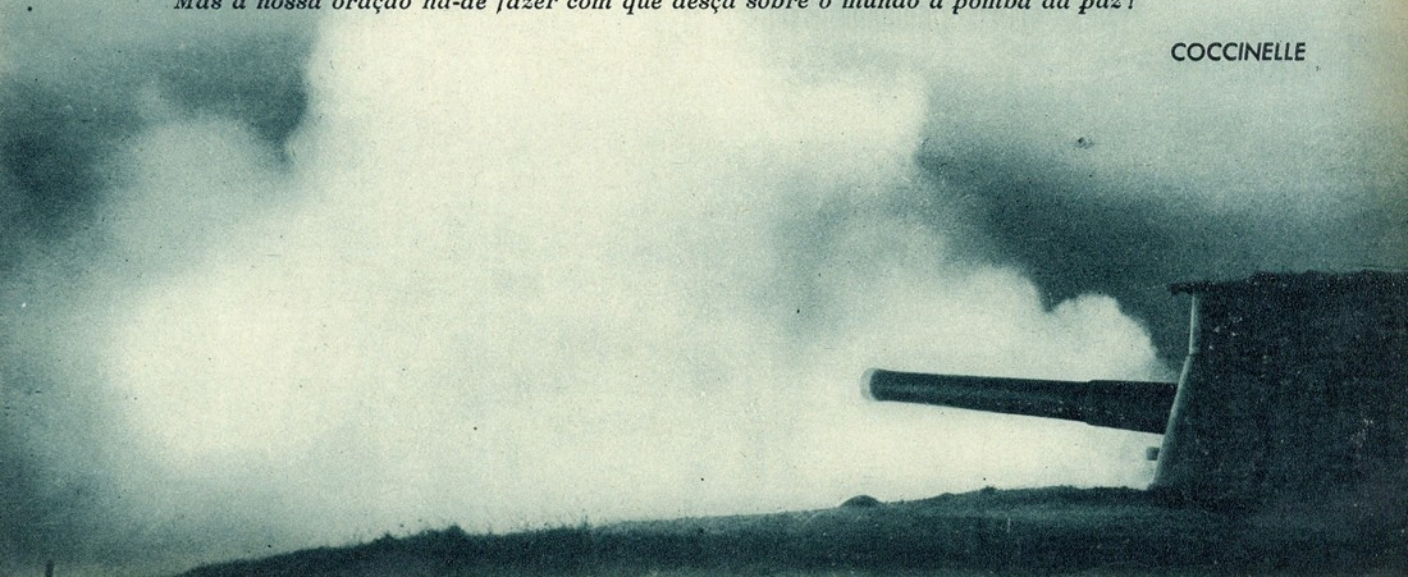
Que a «Mocidade» não falte a êste dever sagrado!

Sua Eminência o senhor Cardial Patriarca deseja que «As inocentes vozes infantis, em volta dos pais, no templo que é também a Família, subam até Deus pedindo perdão e misericórdia».

O mês de Outubro é ainda para nós, portugueses, um mês previligiado pelas graças de Maria: recorramos a Nossa Senhora do Rosário de Fátima pedindo-lhe também por Portugal.

...Ouve-se o troar dos canhões por êsse mundo além...

Mas a nossa oração há-de fazer com que desça sôbre o mundo a pomba da paz!

COCCINELLE

AS COLCHAS DE CASTELO-BRANCO

ENTRE os restos mais delicados e simbólicos das nossas velhas indústrias familiares estão as «colchas de Castelo-Branco». As duas formas da mesma estirpe artistica são bem irmãs no nascimento e na sensibilidade, que revelam: uma, de mais subida técnica, variante com os estilos de arte decorativa, que a influenciam, multiplice de cores, matizada nas tonalidades; outra, de técnica singela, sempre a mesma, cores vibrantes, poucas, desarmónicas, sem matiz. A primeira: aristocrática, afeiçoada por mãos aristocráticas e pelos dedos de freiras, habituados disciplinadamente a passar as contas do rosário. A segunda: popular, das mãos hábeis, que o trabalho não cansou.

Ambas têem a mesma alma. Feitas por prenda umas, feitas outras pelas interessadas em as usar, tôdas fixaram sensibilidade feminina.

As figurinhas, freqüentemente o par de noivos, — ela com a mão na dêle, ou a debruçar-se-lhe do braço, — ou só ela, garrida de côres, com o traje mixto do modêlo de antanho e do feitio contemporâneo da bordadeira, ocupam o centro da colcha. Que admira, se é em honra dêles ou dela, que o pano de linho se cobre de simbolos amorosos como açafate de flores, que se espalhassem na colcha? Os fios frouxos da sêda tapam o desenho e avultam a forma.

Em redor do cartel central, outras vezes ocupado por grande flor, — e a noiva, na poesia popular é uma rosa, — ou por uma ave exótica, a primitiva e espaventosa ave do paraiso, a colcha é semeada de cravos estilizados, — o cravo é simbòlicamente o noivo. Demais, outras flores decorativas, botões, gavinhas, deformações de romãs e laranjas simbólicas, saem de hastes ramificadas ao longo do pano.

Quem fazia, nos tempos áureos desta arte caseira, as colchas tão pacientemente bordadas? As noivas. O pensamento da rapariga prendia-se ao bordado, como a livro de orações: diante dêle via a sua felicidade, escrita ali, não com letras duras, mas figurada na simbólica dos desenhos falantes.

Assisti recentemente em Madride à abertura da Exposição da Artesania Espanhola: lá estava uma cama integralmente armada; cobria-a uma colcha com os mesmos desenhos simbólicos das «colchas de Castelo-Branco»; uma diferença apenas: em vez da policromia, monocrómica, tôda azul. Claramente chamam a estas peças de heráldica amorosa, em tôda a região de Toledo e Cáceres, «colchas de noivado».

Apar da cama, exposeram um bêrço encantador; cobria-o alacremente a colcha pequenina de desenhos policrómicos, os mesmos das «colchas de noivado».

Pretende-se renovar entre nós estas «colchas de Castelo-Branco», assim chamadas porque na Beira-Baixa, e nas terras de Castelo-Branco, tiveram e conservaram esta feição. Traduziram em sensibilidade portuguesa uma inspiração artistica, bem comum a Espanha e Portugal na zona de Cáceres — Castelo-Branco.

Bom é que se faça a renovação. Essencialmente feminino, êste trabalho artistico tem mais do coração iluminado pela imaginação, cheia da graça do amor, que das mãos ansiosas de acabar a tarefa. Não há nele o esfôrço mecânico ou labor mercenário.

No passar da agulha, com o fio lançado sucessivamente, prêso nos contornos dos desenhos, há ainda a melodia do canto das raparigas, quando o enchimento do bordado é um «cresça o montão». Porque nas pontas, nos remates, no pesponto contornal, o cuidado em fazer bem obrigaria a garganta a emudecer e a alma a rezar com o «credo na bôca».

Quando no ano passado, — o «Ano Aureo» dos Centenários, — percorri algumas das cidades e vilas em festa grande, encontrei com prazer, entre as colchas estendidas nas janelas, muitos bordados de Castelo-Branco, uns de técnica precisa e simbolismo congénere, outros com a decoração amorosa das «colchas de noivado».

A expansão da espécie combinou-se com a dispersão do género do bordado. E de tal forma a sugestão da espécie, — sobrevivência regional de expressão artistica generalizada, — se impôs como parte ao todo, que o «bordado de Castelo-Branco» é conhecido em tôdas as provincias.

Na verdade, de Guimarães e Viseu a Santarém, a Lagos, o ar de familia das «colchas de Castelo-Branco» impõe-se à atenção. Cria simpatias. Estimula a vontade.

É esta feição ou linguagem popular das colchas de sêda frouxa a que nos cabe prolongar no tempo. A ela pertence o claro simbolismo das «colchas de noivado».

Luís Chaves

COLCHA BORDADA NA ESCOLA REGIONAL DA M. P. F., DE CASTELO-BRANCO

Grupo de alunas da Escola de bordados regionais da M. P. F. de Castelo Branco, onde têm sido feitas lindas colchas

1

UM IMPROVISADO CAMPING: PREPARANDO O ALMOÇO

2

E ASSIM SE APRENDE A TRATAR DA VIDA...

O que nós queremos que as nossas raparigas sejam

6.º — ACTIVAS

NÓS queremos que vocês sejam activas — mas cuidado! É preciso saber de que actividade se trata, porque não há nada pior do que as pessoas activas que não sabem o que querem. Metem-se em tudo, incomodam todos, estafam-se e... tudo isto para nada.

Essas pessoas agitam-se, não trabalham. A vontade de fazer alguma coisa não vale nada se não se souber o que se deve fazer.

Conhecem, com certeza, a história daquele impedido a quem o seu capitão disse: — «Olha vai a correr...» E, antes que o capitão pudesse continuar, o soldado largou a correr, sem fazer idéia nenhuma para onde.

Ao ver isto, o capitão gritou-lhe: — «Espera, para onde é que tu vais?» — «Não sei», respondeu o impedido, muito atrapalhado. «O meu capitão disse-me que eu fôsse a correr e eu fui...»

Não falta, no mundo, muito boa gente que vai a correr, sem saber para onde.

Ora, nós não queremos que vocês sejam assim. E também não queremos que vocês sejam inquietas de espírito, isto é: que não possam estar, um momento, sem fazer alguma coisa.

Acima da acção está a contemplação. A actividade é um dever de estado a que se devem consagrar todos aqueles que têm obrigações, neste mundo. É um meio, não é um fim. Por isso, se temos alguma coisa a fazer — o que acontece quási sempre — devemos fazê-la. Mas, se temos um momento em que verdadeiramente não há nada para fazer, devemos encontrar em nós mesmas o necessário para termos sossêgo de espírito, sem precisarmos de fugir de nós pró-

3

QUE BEM QUE SABE O QUE CUSTOU O NOSSO TRABALHO!

4

A FONTE ESTÁ PERTO...

FOTOGRAFIA: DR. PIRES DE LIMA

prias para o meio do barulho e da agitação sem utilidade. Até devemos fazer o possível por que, todos os dias, tenhamos uns momentos livres, e devemos desconfiar de nós se não os soubermos apreciar.

O que nós queremos, quanto à actividade, é que cada uma de vocês pense bem no papel que lhe cabe, pelo meio em que vive, pelas qualidades e habilitações que possue, pelos recursos de que dispõe — e que tudo quanto seja da sua competência fazer, o faça generosamente, com entusiasmo, com cuidado, com desinterêsse.

Queremos que, nunca, vendo um dever a cumprir, vocês o deixem para o dia seguinte, sem motivo. Queremos que nunca julguem de qualquer das vossas ocupações que é tão pouco importante que não vale a pena desempenhá-la bem.

Os inglêses dizem, como provérbio: «Tudo o que vale a pena ser feito, vale a pena ser bem feito».

Não tenham mêdo de se cansar. A actividade, desde que não seja exercida com nervosismo, faz bem à saúde. É uma ocasião de exercermos as nossas faculdades do corpo e do espírito. E o exercício, como já disse, só nos faz bem. A preguiça atrofia: a actividade desenvolve.

Para poderem fazer bem aquilo que fazem é indispensável que se não dispersem, que não se metam a fazer tudo, o que é a maneira de não fazerem nada.

Não aceitem compromissos sem a possibilidade de os cumprir. Há tanto, quem, para ser agradável, prometa sempre, para, depois, não cumprir porque prometeu demais. Quem assim faz, em vez de dar alegria veio, no fim de contas, desgostar os outros.

Vejamos o exemplo de Elisabeth Leseur. Elisabeth Leseur prometeu a uma pequenita que, um dia, encontrou num hospital, quando ia de viagem, que lhe mandaria postais com vistas de tôdas as terras por onde passasse. Imagine-se o entusiasmo da pequenina. Mas a sua enfermeira que tinha ouvido fazer muitas promessas destas — nunca cumpridas — foi avisando a pequenita de que não contasse demais com êstes postais porque a senhora podia não ter tempo de lhos mandar. Mas Elisabeth cumpriu e cumpriu sempre. Foi a própria religiosa que, muitos anos depois, contou êste facto, não escondendo a admiração que êle lhe causou.

É portanto assim que nós queremos que vocês sejam: activas, calmas, decididas, ponderadas e incansáveis.

Hilda d'Almeida Corrêa de Barros

PÁGINA DAS LUSITAS

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

MARIA DA GRAÇA NO CAMPO

(Continuação)

JOÃO JOSÉ *(afogueado)* — Já não podia mais com aquela cabeça postiça em cima da minha! E a vêr só pela abertura do capotão!

MARIA DA GRAÇA — Como arranjaste aquilo tudo?

CUCA — Você foi descobrir aquela cabeça no sotão, não foi? Era dum quadro vivo da Biblia que se fez um dia lá em casa ha muitos anos: *Golias* e *David*.

JOAO JOSÉ — Mas vi-me doido para a segurar; e que calor... Ia morrendo!

Foram todos para a ceia, que era lauta e deliciosa. E depois de dois ou três *Corridinhos* e *Viras* dançou-se o *Estalado* final, marcado com graça e animação pelo próprio D. Antónío, recordando os seus tempos de Coimbra. E terminou emfim a divertida festa deixando em tôda aquela juventude uma impressão de despreocupada alegria!

CAPÍTULO VI

D. Francisca e Maria da Graça cosiam, ao serão, emquanto o pai lia junto à sua secretária.

D. FRANCISCA — Agora acabaram as férias; vamos pensar a sério nas tuas lições: ainda não podes estudar sòsinha sem mestres, Graça.

MARIA DA GRAÇA — Mas o Pai dá-me sempre a lição de história, Màisinha! E em geografia sou um chavão, a Mãe bem sabe; embora com as mudanças que as guerras provocam nas terras, quási nem valha a pena...

D. FRANCISCA *(rindo)* — Desculpa de mandriona, minha filha. Mas o teu piano, a tua harmonia, as ciências naturais, a literatura...

MARIA DA GRAÇA — Aqui na Freixeda, Mãi? ! Como é isso possivel?

D. FRANCISCA — Pois participo-te que tudo é possivel quando ha boa vontade. As lições de piano, é claro, terão de ser em Lisboa, uma vez por semana, como eram antes de virmos: é questão de as recomeçar.

E tudo mais vai arranjar-se com a mesma professora dos Sarmentos!

MARIA DA GRAÇA *(admirada)* — Então ela sae de lá?

D. FRANCISCA — Nada disso, minha joia. Mas é que essa excelente Mademoiselle d'Aubigny, que é uma pessoa instruidissima, vai agora ficar «au pair» em casa dos Sarmentos, e eu pedi-lhe que reservasse, para ti, três tardes por semana.

MARIA DA GRAÇA *(desconsolada)* — Acabou-se a minha liberdade...

D. FRANCISCA — O quê, minha preguiçosa, pois tu com 14 anos, preferias ficar com uma educação superficial como a maioria dessas meninas mandrionas e futeis? !

D. ANTONIO *(levantando-se)* — Nem quero pensar uma coisa dessas, Graça. Então tu não vês que hoje em dia, mais que nunca, é preciso ter uma educação completa? E é das classes altas que deve vir sempre o melhor exemplo, minha filha!

MARIA DA GRAÇA — Mas é tão bom brincar! Correr! Jogar com os outros...

D. ANTONIO *(rindo)* — Cada coisa a seu tempo. E como vamos entrar no mez dos Santos populares...

MARIA DA GRAÇA *(batendo as palmas)* — Deixem-me festejá-los a valer, sim?

D. FRANCISCA *(satisfeita)* — Convidei o rancho todo para cá vir nesses dias. E mal sabes tu quem chega já no dia 10...

MARIA DA GBAÇA *(radiante)* — Oh Mãi, quem será?

D. FRANCISCA — Adivinha...

D. ANTONIO *(beijando a filha)* — São três pessoas, nada menos!

MARIA DA GRAÇA — Já sei, Paisinhos, já sei: são as primas de Lisboa, não são?

D. FRANCISCA — Tal qual, queridinha. Mas é preciso que nestas semanas estudes e trabalhes com a M.elle d'Aubigny: àmanhã é a primeira tarde de lição.

MARIA DA GRAÇA *(a sério)* — Ai Mãi, se ela me acha mais atrasada do que o Manuel, que vergonha...

D. ANTONIO — E é uma vergonha, sendo êle cego, coitado. Os pais mandaram vir para êle um professor cego também: e vai aprender a ler pelo método Braille.

MARIA DA GRAÇA *(convencida)* — O Manuel é quási um santo, Mãi! Nunca se queixa da sua desgraça; e é instruidissimo.

Passadas duas semanas, chegaram as primas de Lisboa; foi uma alegria! E como trazia cada uma a sua bicicleta, logo começaram os passeios através do pinhal em grupo alegre, com os Castel Brancos e os pequenos Sarmentos. Levavam cestos de merendas e comiam com belo apetite à beira dalgum riacho, à sombra de velhas árvores. Só uma coisa entristecia Maria da Graça quando combinavam esses passeios: era a ausencia forçada do pobre Manuel, cuja triste cegueira não permitia que neles tomasse parte. Instalados, uma tarde, junto a uma fonte pitoresca, as bicicletas deitadas no chão, conversavam alegremente.

JOÃO JOSÉ — Que delicia de passeio! Tenho gosado a valer!

ANA RITA — Têm sido estupendos estes dias na Freixeda!

MARIA DOMINGAS — O peor é termos de nos levantar cedo: o meu sonho é um dia poder dormir tôda a manhã emquanto tiver sono!

MARIA JOANA — Se fôr assim a menina nunca mais se quer levantar.

MARIA DA GRAÇA *(suspirando)* — Faz-me tanta pena o Manuel não vir! Amanhã vamos passeiar no rio: assim pode êle vir comnosco.

CUCA — Se arranjássemos uma burricada, Graça?

MARIA DA GRAÇA *(batendo as palmas)* — Belissima ideia!

JOÃO JOSÉ *(casmurro)* — Não acho: *eu* só monto a cavalo.

MARIA DA GRAÇA *(troçando-o)* — Que toleima, João José! Porque não hás-de ir a ca-burro?

JOÃO JOSÉ — Porque acho ridículo um homem com as pernas penduradas a tocar quási no chão!

CUCA — Você ainda não é um homem. Não seja desmancha-prazeres!

MARIA DA GRAÇA *(decidida)* — Se êle não quiser, não vai. Vamos contar os burros que são precisos, Cuca.

CUCA — A Lourdes é trouxa; mas adora as burricadas. E os petizes Sarmentos também.

MARIA DA GRAÇA — Com as primas, vocês duas, os

ERA UMA VEZ...

ALICINHA A TEIMOSINHA

Quando Alicinha saía
Com a boa mestra inglêsa
Podia ter-se a certeza
Que ao voltar... choraria!

A Miss, tôda indulgência
Tinha de a castigar:
Alicinha a teimar
Exgotava-lhe a paciência!

Se com as outras creanças
Jogos alegres brincava
P'ra se demorar teimava
Sem qu'rer deixar as folganças!

Na rua sempre a correr
A boa Miss largava:
E quando a casa chegava
Ia-se logo esconder.

Depois, à hora do chá
Não qu'ria lavar as mãos
Sem vergonha dos irmãos
Era teimosa e má.

Até qu'um dia chegou
(Era o dia de Natal)
Em que Alice, por seu mal,
P'ra sempre se envergonhou...

Foram irmãs e irmão
Ver o que Jesus trouxera:
Os presentes que pusera
Na chaminé do salão.

Que boas prendas havia!
E lindas, p'ra tôda a gente!
Alicinha, descontente
E' que p'ra si... nada via!

Então a mãe explicou
Junto à Arvore de Natal:
«Quem assim se porta mal
«A Jesus desagradou!

«Coisa feia é teimosia
«Imprópria d'uma menina;
«E enquanto é pequenina,
«Acabe com tal mania».

Alicinha, envergonhada,
Olhos baixos, cara triste,
Logo jura que desiste
De teimar: está emendada!!

---

pequenos Sarmentos e eu, somos nove! O Manuel também pode vir: porque não?

JOÃO JOSÉ — Se o burro dá um tombo, lá vai o cego também!

MARIA DA GRAÇA *(zangada)* — Eu irei ao pé dêle, para que êle não caia!

JOÃO JOSÉ *(entre dentes)* — O cego e o moço...

CUCA — Você quer ir ou não?

JOÃO JOSÉ — Vou... para guardar as meninas!

E a alegre burricada partiu na manhã seguinte, durando o dia inteiro. Junto à azenha grande sentaram-se a almoçar: sandwiches, croquettes, pasteis de bacalhau; e a água da Fonte Fria a desembuchar das substanciais iguarias.

Ao chegar a casa, pela tardinha, vinham estafados; mas que alegria sã e simples enchia as suas almas de creanças!

Quando chegou o dia de Santo António, já a Freixeda regorgitava de gente nova e, portanto, de risos alegres.

Os dois irmãos de Maria da Graça, Augusto e Chico, tinham despachado os seus exames e juntando-se agora ao rancho Castel Branco e aos quatro rapazes Sarmentos, dos quais o mais velho era Manuel, formavam, com Maria da Graça e as primas, um grupo cheio de vivacidade barulhenta. Agora tratava-se de preparar a fogueira de Santo António.

MARIA DA GRAÇA — A Mãe diz que não quere a fogueira ao pé de casa: podemos fazê-la à saída do portão.

AUGUSTO — Vamos levar para lá o mato!

CHICO — Há-de ser de arromba êste ano!

CUCA — Nós podemos ir apanhar o rosmaninho, as urzes e as murtas, querem?

MARIA DE LOURDES — Eu fico ao pé da Mademoiselle.

JOÃO JOSÉ — Pastelão! Empada!

MARIA DE LOURDES *(zangada)* — Palavras loucas, orelhas moucas.

MARIA DA GRAÇA — A Mãe mandou pôr achas grossas para a nossa fogueira: Deus queira que se possa saltar bem!

CUCA — Vamos ao rosmaninho e às alcachofras, sim?

E espalharam-se, correndo, alegres, pela quinta, em busca das ervas aromáticas e do mato miúdo.

Mas à noite, quando se dirigiam para fóra do portão, levando cada um as suas alcachofras para queimar, grande foi o espanto de todos, ao ver, para os lados da aldeia, altas chamas elevarem-se até ao céu!

D. ANTÓNIO *(apreensivo)* — O que será aquilo?!

D. FRANCISCA — Deve ser na aldeia: fogueiras de Santo António.

MARIA DA GRAÇA — Oh Mãe, vamos até lá, sim?

JOÃO JOSÉ — Aquilo é que deve ser uma fogueirona!

MARIA DOMINGAS *(assustada)* — Assim tão grande deve meter medo!

ANA RITA — E não se pode saltar, com certeza!

D. ANTÓNIO — Deixem-se ficar aqui que eu vou até lá ver o que se passa *(as chamas são cada vez mais altas)*.

MANUEL SARMENTO *(escutando)* — Não ouvem gritos ao longe? Muito ao longe...

AUGUSTO — Não se ouve nada!

MARIA DA GRAÇA *(escutando)* — Também me parece que oiço... — Mas nesse momento tocou um sino a rebate sem cessar: e logo outro, mais longe, e outro, e outro...

D. FRANCISCA *(aflita)* — E' fogo, meus filhos, é fogo na aldeia! — Dois creados de lavoura passaram a correr; e as creadas da casa apareceram ao portão.

CONCEIÇÃO *(a chorar)* — Minha senhora, minha senhora, há fogo na aldeia!

D. FRANCISCA *(enérgica)* — Não chorem, não façam espalhafato; mas vamos todos ajudar a levar as águas; bem sabem que a água na aldeia é pouca. Vão buscar baldes e regadores, Conceição. — Agora chegava D. António, pálido e aflito.

D. ANTONIO *(apressado)* — Tôda a água que puder levar-se, já, já, Francisca. Estão a arder umas 3 ou 4 casas pobres...

MARIA DA GRAÇA e JOÃO JOSÉ — Podemos ir acudir?

D. FRANCISCA — Vamos, vamos. Cada um leve o seu balde, enche-se ali na poça grande. — E, à excepção de Manuel que era cego, de Maria de Lourdes que ficou ao pé dêle, e de Maria Domingas que não podia com os baldes cheios, todos correram para a aldeia a levar água.

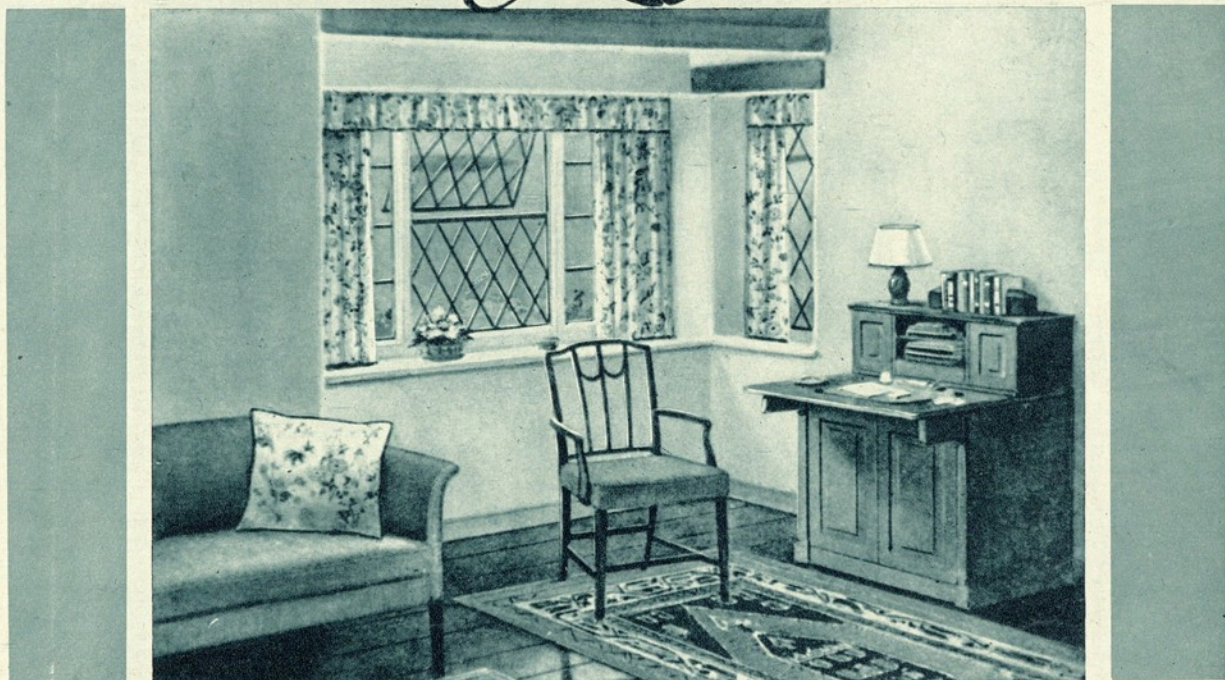
As mulheres do campo gritavam, aflitas; e assim perdiam as suas pobres casinhas que para elas representavam tanto! Maria da Graça era incansável; e com ela os dois irmãos, João José e a própria Cuca, que já seis vezes fizera o caminho da aldeia.

UMA MULHER *(gritando)* — Ai que ficou lá o meu Raul!

OUTRA MULHER — Então êle não está cá fóra c'os outros?

A MULHER *(gritando)* — Ó meu Raul! Nan n'o vejo! Nan n'o acho! Ai que me morre queimadinho o filho da minh' alma!

MARIA DA GRAÇA *(decidida)* — Eu vou buscal-o lá dentro, Joaquina!

(Continua)

QUALIDADES DOMÉSTICAS

ORDEM E METODO

Para que a vida familiar corra bem, é indispensável que exista ordem e método. Mas por ordem não se entende só as coisas bem arrumadas: «um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar.»

A ordem é também método e disciplina.

Regularidade nas horas de levantar e deitar. A quem se levanta tarde ou sem hora certa o tempo não chega para nada; tudo se atraza, e os atrazos só dão aborrecimentos. Somos raparigas ainda a estudar? Chegaremos tarde às aulas. Teem-se já encargos de casa e de família? A falta de ordem na hora de levantar desorganiza um dia inteiro.

Pontualidade na hora das refeições. Se não estamos á hora, sentimos o justo mau humor dos que nos esperam. Um dos motivos mais frequentes das *scenas* familiares é o jantar que não está pronto a horas quando o marido chega... ou as pessoas de familia que andam dispersas e não aparecem.

Método na organização do trabalho. Distribuir bem o tempo para fazer cada coisa na devida altura.

Os trabalhos diários fixos (como, por exemplo, as refeições, limpezas da casa etc.) devem ter horas marcadas.

Os trabalhos facultativos ou imprevistos serão feitos nos intervalos livres que ficam entre os trabalhos fixos.

Devem-se ter dias destinados, em cada semana, para a lavagem da roupa, passagem a ferro, costura, etc.

A ordem é o melhor meio de fazer muita coisa em pouco tempo.

Quem não tem ordem no trabalho deixa acumular trabalhos sôbre trabalhos e depois não consegue dar-lhes vencimento.

Sem ordem também não pode existir economia. A ordem economiza forças, tempo e dinheiro.

Mas se ordem é uma virtude, o seu exagêro pode tornar-se uma *mania* que complica a vida e aborrece... os outros! Por exemplo: exagerar a ordem a ponto de não nos servirmos dum objecto para o não desarrumar, ou não atender uma pessoa que nos procura para não deixar de fazer um trabalho à hora marcada, etc. É compreender mal a ordem.

A ordem, que dá confôrto e bem estar ao lar e contribue para a paz e segurança da vida doméstica, tem ainda muitas outras vantagens.

A ordem evita que os objectos se percam. Numa casa desordenada tudo se some e desaparece.

A ordem facilita a vida familiar. Se as coisas estiverem no seu lugar, escusamos de incomodar os outros a perguntar-lhes por elas e não precisamos de remecher a casa tôda para as encontrar.

A ordem preserva de muitos incidentes e prejuizos. Quantas vezes, porque não se guardou um remédio, uma criança se envenena, ou a casa é roubada porque falta a tranca na porta!

A ordem faz com que os objectos ocupem menos espaço. E quem tem uma casa pequena e poucos móveis, se não tiver tudo bem arrumado, não sabe onde há-de meter as coisas!

A ordem não deve apenas existir no que se vê, mas também no que está oculto: gavetas bem arrumadas, roupas de baixo bem arranjadas, sem lhes faltar botões, etc; armários e prateleiras que não sejam armazéns de cacos velhos e partidos, etc.

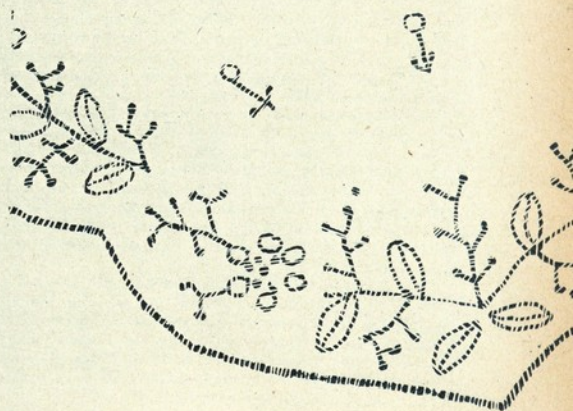
A ordem deve estender-se da nossa vida material á nossa vida moral.

Será ainda ordem não deixar as cartas sem resposta ou uma visita de obrigação por fazer, etc.

E assim a nossa vida decorrerá em paz e dará o máximo de rendimento para a felicidade dos outros.

TRABALHOS DE MÃOS

CAMISA DE DORMIR

ESTA CAMISA, MUITO GRACIOSA NA SUA SIMPLICIDADE, É BORDADA EM PONTO DE SOMBRA E NÓZINHOS. O FEITIO DO ENCAIXE É FORMADO POR RECORTES EM PONTO DE RENDAS. TRÊS LACINHOS, DO MESMO TECIDO, ENFIADOS EM ILHOSES, FECHAM A CAMISA.

EM CIMA: UMA GRADUADA ENSINANDO UMA LUSITA A ESCREVER PARA A FAMÍLIA...
EM BAIXO: AS FILIADAS DA COLÓNIA NO TERRAÇO

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

PAREDE, 5 DE SETEMBRO DE 1941

CARTA ABERTA ÀS FILIADAS DA M.P.F.

Venho falar-vos sôbre a nossa Colónia de Férias da Parêde e faço-o pensando, não só naquelas que lá não foram, mas também com o pensamento nas que lá estiveram.

Às primeiras pretendo mostrar a vida sã, simples e plena de Ideal, que se vive na nossa Colónia; às segundas desejo gravar mais uma vez, nas suas almas, a saúdade e a lembrança de 20 dias, que creio ficarão sempre a contar como qualquer coisa de muito positivo nas suas vidas.

Quando me propuz falar-vos, receei que não conseguisse realizar o objectivo que tinha em mente.

Depois pensei que, na realidade, quando na nossa vida passam 20 dias, como os que se vivem na Colónia, consegue-se fácilmente exprimir todo o entusiasmo que se sente e partilhar com as outras a sensação de prazer que de lá se traz, a sêde de servir que de nós se apossou.

E, foi por isto, que decidi escrever-vos. Foi para vos comunicar parte do entusiasmo que a vida na Colónia nos comunicou, parte do bem estar moral que ela nos forneceu.

Vós, raparigas, as que lá não fôstes, não podereis calcular como era simples a nossa vida, como nos sentíamos felizes naquele meio em que nós, as mais velhas, cooperavamos com as dirigentes, servindo as mais pequenitas.

Não imaginareis o gôsto de tôdas nós quando elas, tão novitas, necessitando o nosso auxílio, se nos dirigiam como a suas mãis.

E foi êste o maior prazer que a Colónia nos trouxe; esta dedicação constante de todas nós pelas pequenitas, que nos retribuíam sempre com a sua amisade e carinho.

A vida sã de que vos fáleis, tinha o seu início às 6 h, 45.m Logo que tocava a campaínha a despertar de sonhos côr de rosa tôda aquela mocidade em flor, ouvia-se pela casa, ainda em silêncio, como o impunha o regulamento, o sussurro causado pelo levantar e arranjar de tôdas.

E, começava então, para as instrutoras e graduadas o desempenho da sua missão maternal. No espaço de tempo que decorria entre o levantar e a oração da manhã, 1.º acto oficial da Colónia, tinha que preparar-se tudo. Era preciso tratar do banho às mais pequenitas, pentear as tranças e os caracois a muitas delas, fazer ou ensinar a fazer a cama, àquelas a quem êsse trabalho ainda não era permitido.

E eu desejaria que muitas de vós assistisseis, de longe, a êste voltear constante num corredor, ligação para todos os quartos; onde se via constantemente dirigirem-se, instrutoras ou graduadas, para o quarto 2 a chamar uma menina para o banho, para o 8 a ajudar a uma cama difícil de fazer e, tudo isto, em silêncio, pois só era permitido trocar impressões após a oração.

Às 8 horas tocava o sino para a oração matinal e tôdas, já prontas, se dirigiam para uma sala onde, em frente duma imagem do Sagrado Coração de Jesus, sempre rodeada de flores, se fazia uma oração singela, em que se oferecia ao Senhor as nossas vidas e se Lhe pedia a bênção para os pequeninos actos de cada dia. E era a pedir pelos entes queridos e pela paz no mundo, que se terminava aquela oração, tão simples, como simples era a vida daquelas alminhas em flôr, ainda a desabrochar e a adquirir a fôrça e a absorver a seiva, para a vida de amanhã.

Depois era o içar da Bandeira. Enquanto esta era lentamente hasteada, o hino da Mocidade fazia-se ouvir, sempre forte e enérgico, a mostrar bem o vigor e a mocidade daquelas que o entoavam.

Terminado êste acto, repetido todos os dias, seguia-se o pequeno almoço. Êste decorria sempre num ambiente alegre, pois tinha terminado o silêncio e tôdas aquelas gargantas sentiam necessidade imperiosa de movimento.

Seguia-se a ida para praia, momento de satisfação para as pequeninas, que o desejavam sempre e, cada vez mais.

Na praia, jogava-se ou brincava-se, ao sabor da vontade de cada uma; faziam-se jogos dirigidos pelas instrutoras, davam-se passeios pelas rochas, enfim, vivia-se e respirava-se o ar puro que a brisa nos trazia.

A hora do banho era também um dos factos sensacionais da Colónia: uma gritava porque tinha receio das ondas, outra porque temia os caranguejos, algumas limitavam-se a esperar que uma onda viesse molhá-las, pois receavam entrar pelo mar e, para tudo isto era preciso, mais uma vez, auxílio das «mães» para que tudo se fizesse, como devia.

Terminado o banho, regressava-se a casa para o almoço.

Logo que êste findava, fazia-se um repouso de hora e meia, repouso que era pouco desejado, sobretudo pelas mais pequenitas, a quem apetecia mais brincar e saltar do que atender às necessidades do corpo.

Ao repouso seguia-se um tempo livre, que cada uma destinava ao que lhe aprouvesse. E, era êste, um dos momentos mais agradáveis na nossa Colónia.

Para as pequenitas de 8 e 9 anos era um cargo bastante difícil a redacção duma carta. Era preciso recorrer então ao auxílio duma mais velha, para se realizar êsse trabalho.

E vós, as que não viestes, não imaginareis o espectáculo de 10 ou mais caras aflitas e angustiadas, em face dum postal ou duma fôlha de papel.

Aparecia depois o auxílio, na pessoa duma instrutora ou graduada, que as desembaraçava e livrava em tal apuro.

E era enternecedor ver uma carita meiga de criança, dobrada sôbre o papel e atenta ao que lhe ditava aquela que desempenhava assim uma das mais belas missões da mulher — ensinar.

Seguia-se a merenda, ao ar livre e distribuida pelas mais velhas.

O tempo de intervalo até ao jantar era destinado a passeios ao Parque, ao campo de patinagem do Rádio Club, à praia, etc...

O jantar realizava-se às 8h e era seguido dum espaço de tempo em que se dançava, cantava, jogava, etc...

Era também encantador o espectáculo dessas danças. As mais pequeninas ensinavam às outras as cantigas regionais e tôdas dançavamos, numa exuberância da vida, com uma simplicidade e com uma alegria, que fácilmente se poderia ler a felicidade nos nossos olhos, o prazer das nossas almas.

Terminava o nosso dia com a oração da noite, sempre a mesma, sempre vibrante de fé e de Amor por Aquêle que tudo fez, pelo Senhor a quem as nossas vidas eram oferecidas.

Esta vida, sempre igual, sempre a mesma na sua simplicidade, foi por vezes alterada, ou por uma festa, ou por uma visita das filiadas de Sintra, que lhe foi retribuida, por um passeio de tôdas nós à Gandarinha.

Mas esta carta já vai longa. Em breve vos escreverei de novo a contar essas festas e passeios.

Maria Helena de Oliveira e Sousa

(Chefe de Bandeira)